

EXPLORAÇÃO DO SUBSOLO

O modelo voltado para grandes projetos exauriu-se, diz Guzzo

por Sérgio Danilo do Rio

"O modelo mineral brasileiro, a partir da decisão da Assembléia Nacional Constituinte de nacionalizar a mineração brasileira vai ser mudado: a total liberalização de lavras e pesquisas, que domina o País há 25 anos, será revista." A informação foi prestada a este jornal pelo novo presidente da Associação Brasileira de Empresas de Mineração Estaduais (Abemim) Nelson Guzzo, também presidente da mais importante empresa deste sistema: a Metais de Goiás S.A. (Metago). "O modelo mineral, voltado para os grandes projetos, já se exauriu", disse o geólogo.

As estatísticas mostram, segundo ele, uma concentração de pesquisas e alvarás entre as grandes empresas mineradoras em detrimento das pequenas empresas e dos próprios garimpeiros. "Mais de 60% das áreas minerais prospectadas estão ocupadas, como reservas estratégicas, dessas empresas e há ainda empresas estrangei-

ras que detêm uma visão colonialista dos bens minerais brasileiros, que precisam ser corrigidos", alertou Guzzo. Agora, segundo ele, a nova lei do subsolo, vai privilegiar a pequena empresa de mineração e o garimpo, como também haverá uma revisão no papel das empresas estaduais de mineração. "O Estado deve ter redefinido o seu papel de investidor na pesquisa e na lavra e caberá aos governos estaduais implantar uma nova política setorial", afirmou.

Guzzo reconhece que o Imposto Único sobre os Minerais (IUM) vai sair da pauta da tributação brasileira. "A criação do novo Imposto de Circulação de Mercadorias, votado na Assembléia Constituinte, é um fato. Mas o novo ICM deve ser democraticamente debatido entre mineradores, garimpeiros e consumidores da mineração e dos produtos gerados por ela", diz Guzzo. Reconhece o geólogo que as empresas estaduais de mineração serão afetadas com a extinção do IUM, mas, a nível nacional, haverá um reor-

denamento do papel de cada empresa. Ele não acredita que o capital estrangeiro deixe o País, com a nacionalização da mineração. "O que vai acontecer é uma adaptação dessas empresas à nova legislação e uma reciclagem das atividades mineradoras destes grupos", diz ele.

PLANOS

"Adaptando-se ao novo ciclo de nacionalismo mineral e a extinção do IUM, a Metago pretende redirecionar seus investimentos para minerais e projetos de retorno imediato", disse Guzzo. A prioridade será o ouro e a seguir outras substâncias que permitam um processo de verticalização industrial dentro de Goiás. A Metago detém, hoje, cinco minas — três de calcário e duas de ouro. A empresa pretende expandir neste ano a produção de ouro em Crixás, passando de 42 quilos para 50 quilos. Crixás é a reserva de ouro mais disputada pelos principais grupos empresariais (Anglo American, Inco, CMP) e Guzzo pretende ampliar a

participação de sua empresa estatal na área. Prevendo investimentos, já aprovados, de CZ\$ 45 milhões para este ano, a empresa pretende produzir 240 quilos de ouro na nova mina de Almas (GO).

Para a ampliação de seu acervo mineral de ouro, a Metago está pesquisando novos alvos do metal em Conceição do Norte e Santa Teresinha (região das esmeraldas), Americano do Brasil e Anicuns, além do ouro, serão pesquisadas novas reservas de esmeraldas e metais básicos.

No segundo semestre, a empresa pretende avaliar o potencial de ouro em Niquelândia, Natividade, São Luís e Montes Belos. Quanto à privatização dos minerais, Guzzo informou que a empresa optou pela associação com terceiros, principalmente com pequenas empresas minerais, capazes de viabilizarem pequenos depósitos minerais, utilizando poupanças regionais, cujos alvarás de pesquisa e lavra são controlados pela Metago.